

## ACONTECIMENTOS TRAUMÁTICOS E MEMÓRIA LOCAL: REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DO ACIDENTE DE 13 DE MAIO DE 1974 EM CURRAIS NOVOS/RN

Fabiana Alves Dantas<sup>1</sup>

Fernando Romão Oliveira de Assis<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo trata de como os acontecimentos traumáticos passam a fazer parte da memória local, no recorte de uma cidade. Discutimos essa questão a partir da memória de um acidente ocorrido em 13 de maio de 1974 em Currais Novos/RN, no qual uma procissão católica foi atropelada por um ônibus, levando vinte e quatro pessoas a falecerem. Analisamos diferentes fontes referentes ao processo de elaboração memorialística acerca desse fato, contando com o suporte teórico de autores que discutem as dinâmicas sociais e culturais da memória, como Assmann (2011; 2013), Pollak (1989; 1992) e Ricoeur (2007). Identificamos que esse acidente foi transformado em um fato lembrado por diversos meios, de modo que sua inserção na memória local se deu associada a um discurso de coesão identitária, nesse caso, uma identidade relacionada às tradições cristãs-católicas predominantes na cidade. Portanto, concluímos que acontecimentos traumáticos podem ser lembrados para reforçar identidades locais a partir de articulações que envolvem as esferas social e cultural.

**Palavras-chave:** Acontecimentos traumáticos. Currais Novos. Memória.

### Abstract

This article deals with how traumatic events become part of local memory, within a city. We discuss this issue based on the memory of an accident that occurred on May 13, 1974 in Currais Novos/RN, in which a Catholic procession was run over by a bus, causing twenty four people to die. We analyzed different sources referring to the process of memorialistic elaboration regarding this fact, counting on the theoretical support of authors who discuss the social and cultural dynamics of memory as Assmann (2011; 2013), Pollak (1989; 1992) and Ricoeur (2007). We identified that this accident was transformed into a fact remembered by various supports, so that its insertion in local memory was associated with a discourse of identity cohesion, in this case, an identity related to the Christian-Catholic traditions predominant in the city. Therefore, we conclude that traumatic events can be remembered to reinforce local identities based on articulations that involve the social and cultural spheres.

**Keywords:** Traumatic events. Currais Novos. Memory.

### Considerações iniciais

A memória é uma construção seletiva do passado dotada de uma natureza vivencial e testemunhal (NEVES, 2009). Esse tema vem sendo abordado em diferentes áreas do conhecimento, havendo estudos que se voltam para sua dimensão biológica, e outros para uma dimensão cultural e social. Esta última abordagem, para a qual contribuiu significativamente Maurice Halbwachs (1968)

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN).

<sup>2</sup> Discente da UFRN.

ao tratar pioneiramente sobre as dinâmicas sociais da memória, tem desvelado a importância de desnaturalizar os processos de rememoração, na medida em que passamos a levar em conta os interesses que podem guiar o que as sociedades rememoram, bem como o que legam ao esquecimento, sabendo-se que a dinâmica de lembrar está, inevitavelmente, associada à de esquecer (CATROGA, 2001).

No campo da História, a investigação das dinâmicas das relações sociais e do papel da cultura no que se refere à memória possibilita discutir, por exemplo, as relações entre história e memória. É importante levar em conta os usos e abusos que podem ser feitos de ambas, como indica Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (2007). Na teia de possibilidades de pesquisa nesse âmbito, temos a problemática da memória local, para a qual direcionamos nossa atenção neste trabalho.

Conforme escreve Helder Viana (2017), desde a metade do século XIX existe uma tendência ao estabelecimento de uma identificação dos indivíduos com as cidades nas quais nasceram por meio do uso do gentílico. Associado a isso, temos processos de definição de memórias locais associados à busca pela expressão de identidades que constituem espaços de disputa. Neste artigo, preocupamo-nos com tal problemática questionando-nos sobre o lugar ocupado por acontecimentos traumáticos na memória local. A questão de pesquisa surgiu a partir das reflexões dos autores a respeito da constante rememoração de um acidente ocorrido em 13 de maio de 1974 no município de Currais Novos, localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte. No “13 de maio”, como o fato é chamado popularmente, uma procissão religiosa foi atropelada por um ônibus desgovernado, o que provocou o falecimento de vinte e quatro pessoas que a acompanhavam. O acontecimento, conforme demonstraremos ao longo deste artigo, é rememorado até os dias de hoje por diversos meios, como em um documentário produzido pelo canal de TV local, pelo monumento erguido em homenagem às vítimas para o qual fiéis católicos se dirigem para rezar, além de obras literárias e que abordam a história currais-novense.

Assim, elencamos um conjunto de diferentes fontes primárias por meio das quais investigamos a elaboração de uma memória desse acidente como fato relevante da história currais-novense, a fim de problematizar a relação de uma cidade com acontecimentos traumáticos nela ocorridos. Para isso, partimos da compreensão de que as memórias locais são definidas a partir de dinâmicas sociais e de práticas culturais, pois o social e o cultural caminham juntos, conforme indica o historiador Roger Chartier (1988). Para ele:

pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social –

que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou com gostariam que fosse (CHARTIER, 1988, p. 19).

Ao entendermos dessa forma a relevância dessas dinâmicas, buscamos amparo teórico em autores que discutem como as memórias são construções sociais e colaboram para a coesão cultural de grupos, como Michel Pollak (1989; 1992) e Aleida Assmann (2011; 2013).

Organizamos a discussão da seguinte maneira: iniciamos refletindo sobre as dinâmicas socioculturais envolvidas nas memórias de acontecimentos traumáticos, especialmente no tocante a memorização dos mortos; apresentamos nossa análise acerca da elaboração de uma memória do acidente de 13 de maio de 1974 em Currais Novos; e concluímos com algumas reflexões finais acerca do tema.

As dinâmicas sociais e culturais envolvidas na memorização dos mortos

Em *La memoire collective*, obra publicada originalmente em 1950, o sociólogo francês Maurice Halbwachs apontou a existência de processos de negociação associados à memória coletiva, os quais são realizados para fins de coesão. A partir disso, hoje compreendemos a memória como algo disputado, pois o que um grupo de pessoas busca lembrar e o que leva ao esquecimento é negociado de acordo com determinados interesses. É o que indica, por exemplo, Michel Pollak (1989), partindo de uma abordagem interessada nos processos e atores que intervêm nos trabalhos de constituição e formalização das memórias, destacando a função de manter a “coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum” (POLLAK, 1989, p. 9), fornecendo um quadro de referências para isso. Trata-se da memória que o autor chama de “enquadrada”.

Em outro texto, de 1992, Pollak trata da relação entre memória e identidade social, apontando como elementos constitutivos da memória individual e coletiva os acontecimentos (vividos pessoalmente ou pelo grupo ao qual uma pessoa pertence); as pessoas/personagens (que também podem ter sido conhecidos pessoalmente ou por tabela, como no caso dos acontecimentos); e os lugares (da lembrança pessoal, bem como os de uma memória pública). Assim como a memória, a identidade, entendida pela psicologia social e pela psicanálise como construção, também é negociada. Essa negociação ocorre inclusive no que concerne à identidade coletiva, entendida pela sociologia como os investimentos de um grupo para gerar “o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência” (POLLAK, 1992, p. 207).

Entendemos que, para que os grupos realizem tais negociações, a cultura exerce um papel considerável, pois são feitos investimentos para que exista uma memória coletiva legada culturalmente pelos indivíduos. Um exemplo de abordagem que leva esse fator em consideração é o conceito de “memória cultural”, defendido pela especialista em teoria e história literária alemã Aleida Assmann. Ela assim o define:

A memória cultural é um tipo de memória que sobrevive ao tempo, que transcende o tempo de vida do indivíduo. Existiu antes de mim e existirá depois de mim. Participo dessa memória cultural enquanto estiver vivo. Como essa memória existe por um longo tempo, os mortos podem se comunicar com os vivos e os vivos podem se comunicar com as próximas gerações. Se não tivéssemos esse conceito, cada um só teria à disposição sua própria memória e não haveria essa memória cultural (ASSMANN, 2013, p. 7).

Comentando sobre o conceito de memória cultural, dialogando com Aleida Assman, Myrian Sepúlveda dos Santos (2013) sinaliza que o termo “memória”, nessa abordagem cultural, sinaliza mais do que a capacidade de lembrar, mas também as elaborações de imaginários coletivos:

podemos nos perguntar por que denominar essa codificação simbólica de memória se por memória compreendemos a capacidade que um indivíduo tem de lembrar? O termo memória, contudo, já tem sido utilizado regularmente para indicar imaginários coletivos relacionados ao passado partilhados por determinados grupos sociais. Esses imaginários têm suas especificidades, pois cumprem a função de permitir que indivíduos se lembrem do passado, constituam suas identidades e reconheçam sua forma de pertencimento a algo maior (SANTOS, 2013, p. 64).

Na obra *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, publicada no Brasil em 2011, Aleida Assmann aponta a memorização dos mortos como núcleo antropológico da memória cultural, pois as diferentes sociedades, cada uma com suas especificidades, preocupam-se com essa questão, elaborando diferentes práticas culturais de memorização relacionadas à morte. Esse ponto é importante para a questão discutida neste trabalho, já que abordamos a construção de uma memória relacionada a um acontecimento que vitimou um grupo de pessoas quando participavam de um rito considerado importante na religião a qual professavam, o que gerou uma preocupação social com a criação de meios para que elas fossem lembradas no âmbito da cidade onde o acidente ocorreu. Por isso, consideramos relevante refletir sobre o sentido dessa preocupação com a memorização dos mortos, especialmente no âmbito de mortes relacionadas a acontecimentos traumáticos, que podem ser entendidos como experiências de perda de controle, podendo ser vivenciadas por um indivíduo isoladamente ou por um grupo de pessoas:

incluem-se, na categoria “evento traumático”, tanto experiências violentas a nível estritamente individual, como abuso sexual, violação, tortura, atos de violência doméstica, como também experiências que podem ser partilhadas por mais do que uma pessoa, como assaltos, sequestro, ser tomado como refém, encarceração como prisioneiro de guerra ou em campo de concentração, ataques terroristas, acidentes rodoviários, catástrofes naturais etc. (SYLLA, 2016, p. 462).

Mesmo com essa definição abrangendo acontecimentos que envolvem grupos, conforme Bernhard Sylla (2016), existe um debate sobre a possibilidade de falarmos em “trauma coletivo” devido à “impossibilidade de o entender partindo exclusivamente do modelo do trauma individual” (SYLLA, 2016, p. 463). No entanto, mesmo se não usarmos esse termo, podemos prosseguir levando em conta que os acontecimentos traumáticos podem sim se referir a um grupo de pessoas.

Assim, questionamo-nos sobre a construção de uma memória do 13 de maio em Currais Novos levando em conta a importância atribuída historicamente à memoração dos mortos. A questão aqui é entender como essa memoração é feita no tocante às vítimas do fato estudado, compreendendo sua relação com a coesão identitária no âmbito de uma memória currais-novense.

## **13 de maio de 1974: o acidente e sua inserção na memória currais-novense**

Encontramos descrições do acidente de 13 de maio de 1974 nas obras *Totoró, berço de Currais Novos* e *Retoques da história de Currais Novos*, produzidas, respectivamente, por Joabel Rodrigues de Souza (2008) e Celestino Alves (1985). Vejamos o que escreveram esses autores currais-novenses sobre o fato:

Em maio de 1974, quando era celebrada uma procissão em homenagem à Nossa Senhora de Fátima, dia 13, à noite, um ônibus da Empresa Princesa do Seridó, desgovernado na BR-226, próximo à ponte do Rio São Bento, atropelou várias pessoas, morrendo 24 entre crianças e adultos (SOUZA, 2008, p. 99).

13 de Maio, data magna [sic] de Fátima, data que três pastorinhos vieram a Virgem Maria e ela lhes falou. 13 de Maio de 1974, data que escreveu na história de Currais Novos, a página mais rubra e mais triste de toda a sua vida.

Poderá ter sido também a data que o Céu se abriu para receber mais Curraisnovenses [sic], pois aqueles que morreram naquela procissão foram verdadeiros mártires da fé e da piedade divina (ALVES, 1985, p. 255).

Vemos que, ao ser abordado em obras dedicadas à história local, esse acontecimento, além de fato de memória, tornou-se fato histórico do município, considerando que as escolhas de quem escreve a história são determinantes para elencar o que é um fato relevante historicamente. Uma possibilidade de explicação para que isso tenha ocorrido pode ser o peso de determinados acontecimentos para uma comunidade, pois, como indica Pollak (1992) citando como exemplo os

acontecimentos regionais traumatizantes: “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado” (POLLAK, 1992, p. 201).

Na obra de Celestino Alves (1985), junto ao relato memorialístico apresentado pelo autor que testemunhou o acidente, temos ainda um poema escrito por ele em homenagem às vítimas, intitulado “Poema aos mortos de 13 de maio”, no qual enfatiza a visão de que elas seriam mártires da fé católica. Nessa fonte, observamos a intenção de rememorar os mortos associando-os à profissão da fé católica, dadas as circunstâncias de sua morte enquanto acompanhavam a procissão:

Padre Ausônio ficou traumatizado,  
A Cidade chorou os filhos seus,  
O dobrar do sino, compassado,  
Levava as preces, da terra para os céus.

Os mártires da fé, levados nos caixões,  
A multidão contrita acompanhava,  
As preces, os hinos, as orações,  
Enchiam o cortejo, todo povo rezava.

Ninguém reclamava a brutal tragédia,  
Os hinos se misturavam com os prantos,  
Como que se vivendo, uma divina comédia,  
Onde os participantes, eram todos santos.

A terra emergiu os corpos seus,  
A parte dela, ligeiro devorou,  
As almas subiram para os céus.

Os anjos cantavam na glória,  
O passado ficou para a história,  
O futuro quem sabe? O Grande Deus (ALVES, 1985, p. 258).

Percebemos que o poema, publicado onze anos depois, além de enfatizar a relação do acontecimento com elementos da fé católica, também reforça sua inserção entre os fatos marcantes da história currais-novense, apresentando-o, de certa forma, como um trauma para além das experiências individuais de quem o testemunhou, mas sim algo que marcou a cidade. Também sabemos que esse não foi o único poema escrito sobre o 13 de maio. Embora não tenhamos conseguido obter acesso a outros poemas, sabemos por notícias publicadas no jornal *O Poti* que os cordelistas José Saldanha e Francisco Morta também registraram o fato em versos (AZEVEDO, 1975; O POTI, 1976).

Analisando artigos publicados nos jornais *O Poti* e *Diário de Natal* sobre esse assunto, vemos que a imprensa também foi atuante na elaboração de uma memória ao noticiar não só o

acontecimento, mas também seus desdobramentos. Essas fontes nos mostram que houve uma mobilização de vários setores da sociedade currais-novense para homenagear as vítimas. Por exemplo, a Mineração Tomáz Salustino publicou o convite no jornal para que os currais-novenses comparecessem à missa de trigésimo dia que a empresa mandou celebrar, seguindo a tradição católica de rezar pelas almas de fiéis falecidos (O POTI, 1974). No mesmo jornal, o fato também foi mencionado entre os principais acontecimentos de maio de 1974 no Rio Grande do Norte, com destaque para a fotografia que acompanha o texto: vários caixões enfileirados na ocasião de uma missa antes do sepultamento coletivo das vítimas.

Já no *Diário de Natal* (1975a), uma notícia do ano seguinte ao acidente indica a preocupação de membros da sociedade currais-novense com uma necessidade de fazer com que as vítimas do acidente fossem homenageadas, anunciando-se a construção do monumento aos mortos, cujo projeto foi de autoria do Professor Joabel Rodrigues de Souza, não à toa pessoa dedicada à pesquisa sobre a história do município e que, como já vimos, escreveu sobre o fato em obra sobre a história local publicada em 2008. Já o financiamento foi por parte da Mineração Tomaz Salustino. Também encontramos uma notícia de 1975 que indica uma movimentação política e social para a missa realizada no local do acidente um ano após ele acontecer, ocasião na qual também se deu a inauguração do monumento, apresentado na figura 1.

**Figura 1** – Monumento aos mortos do acidente de 13 de maio de 1974, localizado na avenida onde o acidente ocorreu.





**Fonte:** acervo pessoal dos autores.

Ressaltamos a intenção de quem idealizou o monumento quanto a registrar nele os nomes de todas as vítimas para que fossem lembradas, como pode ser observado na figura 2. Isso garante um tipo de presença numinosa dos mortos que, como explica Aleida Assmann (2011), é um aspecto comum inclusive em sepulturas. Nesse caso, embora as vítimas do acidente não estejam sepultadas ali, elas estão presentes simbolicamente no local dedicado a elas.



Figura 2 – Nomes das vítimas do acidente expostos no monumento.



Fonte: acervo pessoal dos autores.

A mesma notícia do *Diário de Natal* sobre o monumento indica também as circunstâncias da mudança de nome da Rua Santos Dumont, na qual o acidente ocorreu, para Avenida 13 de Maio, sinalizando a preocupação em transformá-la em um local de memória referente à tragédia. Segundo o jornal, o então prefeito Bitamar Bezerra apresentou essa proposta, que foi aprovada por unanimidade pela câmara municipal (DIÁRIO DE NATAL, 1975b). O periódico também apresentou uma narração de como foi a celebração da missa em memória às vítimas do acidente naquele ano de 1975: há o relato sobre a ida das pessoas aos cemitérios para a visita das sepulturas após a

celebração, além de se apresentar novamente a imagem do dia em que os sepultamentos coletivos foram realizados, provavelmente com intenção de gerar comoção nos leitores, já que se trata da imagem de vários caixões posicionados em frente à principal igreja da cidade, a Matriz de Sant'Ana (DIÁRIO DE NATAL, 1975, c).

Outra fonte relevante é um documentário produzido pela Sidys TV a cabo, canal de TV local. O vídeo, intitulado “13 DE MAIO: Tragédia que vitimou 24 pessoas em Currais Novos completa 48 anos” foi publicado no Youtube em 2022, iniciando com uma simulação em preto e branco do pedido de ajuda feito por um socorrista no dia do acidente. Em seguida, o apresentador introduz o assunto caminhando pela avenida onde ocorreu o atropelamento da procissão, apresentando-o como maior acidente da história da cidade. As memórias individuais de pessoas que presenciaram o acontecimento são apresentadas em seguida, por meio de entrevistas. Primeiramente, vemos uma senhora narrando a cena testemunhada por ela e apontando quão marcante foi ver muitas pessoas mortas naquele dia. O apresentador comenta que o acidente dilacerou famílias e grupos de amigos e que a cena continua viva na memória da testemunha entrevistada na sequência, que fala emocionada sobre ter perdido amigos e afirma que não gosta de se lembrar daquele dia, por se tratar de algo que só quem testemunhou sabe quão triste é. Na sequência, são mostrados os depoimentos da tia e da mãe de uma menina de oito anos falecida no acidente, com a mãe alegando que aquele fora um “dia de juízo” para ela. Outro entrevistado fala sobre o resgate às vítimas e afirma ter sofrido “uma agonia grande” naquele momento. O apresentador pergunta à outra entrevistada como é relembrar esses acontecimentos e ela responde indicando um incômodo, por ser para ela uma memória muito triste.

Notamos com esses testemunhos que, no âmbito das memórias individuais de quem vivenciou o 13 de maio, rememorar-lo é doloroso. Inclusive, muitas vezes, testemunhas de acontecimentos traumáticos optam pelo silêncio como forma de se preservar, em busca de um *modus vivendi* (POLLAK, 1989). Ainda assim, o documentário busca apresentar essas memórias individuais para que a narração do fato seja feita da forma mais fiel possível à realidade, pois relatos memorialísticos de testemunhas assumem um caráter de fidelidade que, segundo Paul Ricoeur (2007), é atrelado à memória.

A última entrevista apresentada no vídeo produzido pela Sidys TV a Cabo apresenta um discurso de reafirmação da fé dos currais-novenses. Trata-se da fala de um padre da cidade na qual ele comenta a prática de fiéis se reunirem para rezar pelas vítimas do acidente no monumento construído em sua memória. Assim, o vídeo finaliza com o apresentador falando sobre esse

monumento e a mudança de nome da avenida para “Avenida 13 de maio”, indicando essas medidas como ações para rememorar os mortos.

Assim sendo, observamos nas fontes consultadas que o 13 de maio foi associado à memória currais-novense com o discurso de que a cidade ficou de luto pelas pessoas vitimadas fatalmente no acidente. Notamos que as medidas tomadas para rememorar o acontecimento estabelecem uma relação com uma identidade católica da cidade, visto que, historicamente, essa religião é ali predominante devido à influência da família considerada fundadora do município, como indica Celestino Alves (1985) ao abordar a história da construção da Capela de Santana construída por Cipriano Lopes Galvão em sua fazenda, em torno da qual o município se desenvolveu:

O ano de 1977, foi um ano de seca, Cipriano Lopes Galvão, o Capitão Mor se viu muito apertado para escapar o gado porque já não havia mais água, as cacimbas dos rios Totoró e São Bento já estavam muito fundas, o gado do pasto já não encontrava mais água nos poços deixados nos rios pelas enchurradas [sic]. Então ele fez uma promessa que se Deus fosse servido que desse uma chuva para fazer água que desse para escapar pelo menos uma parte do seu gado, ele construiria uma capela em homenagem a Santana na sua fazenda (ALVES, 1985, p. 18).

Essa associação também ocorre porque a ritualização em torno do monumento – isto é, a prática de fiéis católicos se reunirem ali para rezar pelos mortos – foi estabelecida no âmbito institucional da própria Igreja Católica. Sabemos disso pelo próprio contexto de inauguração do monumento, ocorrido na ocasião da celebração da missa em memória aos mortos um ano após o acidente (DIÁRIO DE NATAL, 1975b), bem como pela participação de párocos locais nesses momentos de oração, como indica o depoimento apresentado no documentário que analisamos. Outro elemento que reforça isso é a importância da memória no âmbito do cristianismo, visto que, para os cristãos, “a lembrança é um elemento de suma importância, na medida em que pauta o presente pela rememoração dos acontecimentos e milagres do passado” (MENDES, 2010, p. 110). Assim, a preocupação com essa questão está inerente às práticas cristãs, inclusive no que se refere à memorização dos mortos. Portanto, percebemos uma preocupação com a memorização dos mortos associada a aspectos culturais ligados à religião, especialmente o catolicismo, dadas as circunstâncias do acontecimento e da força das tradições católicas referentes ao dever de memória para com os mortos. Isso explica a mobilização de diferentes setores da sociedade currais-novense para atrelar locais à memória referente ao 13 de maio.

Também é relevante ressaltar que a preocupação com a criação de locais de memória relacionada ao acidente também se explica porque eles servem de apoio para a constituição de uma memória mais pública, como se tornou a desse acontecimento no âmbito de Currais Novos. Citando

o exemplo dos monumentos aos mortos, Pollak afirma que eles “podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela” (POLLAK, 1992, p. 202). Abordando a relação dos locais com o culto aos mortos, Aleida Assmann (2011) ressalta que esse tipo de culto é a mais antiga prática que une vivos e mortos, pois a memorização só é possível a partir da recordação dos vivos. Ou seja, para ela ser possível, inclusive por meio da criação ou conservação de locais de memória, é necessário haver algum interesse de quem deseja fazer algo ser lembrado: “Um local – está claro – só conserva lembranças quando as pessoas se preocupam em mantê-las” (ASSMANN, 2011, p. 347). A autora também estabelece uma diferença entre locais memorativos e locais traumáticos associados à morte:

Locais memorativos são aqueles em que se cumpriam atos admiráveis ou em que o sofrimento assumiu um caráter exemplar. Registros feitos com sangue – como perseguição, humilhação, derrota e morte – têm um valor de destaque na memória mítica, nacional e histórica. Eles são inesquecíveis, na medida em que são traduzidos por um grupo em recordação positivamente vinculadora. Locais traumáticos diferenciam-se de locais memorativos, na medida em que se fecham a uma formação afirmativa de sentido (ASSMANN, 2011, p. 348-349).

Enquanto o local da recordação se estabiliza por meio da história que se conta sobre ele (sendo que, de sua parte, o local sustém e confere veracidade à narrativa), o local traumático se vê assinalado pela impossibilidade de se narrar a história. A narração da história está bloqueada pela pressão psicológica do indivíduo ou pelos tabus sociais da sociedade (ASSMANN, 2011, p. 349).

Em nossa compreensão, a avenida onde aconteceu o acidente de 13 de maio de 1974 que teve seu nome alterado e o monumento ali construído apresentam características tanto de local memorativo, como também de local traumático. Isso porque, para a cidade, apesar do trauma associado ao acontecimento, a construção memorialística em torno do fato assumiu um caráter positivamente vinculador no sentido de enaltecer as vítimas como mártires da fé católica, que morreram enquanto a professavam ao participarem da procissão de Nossa Senhora de Fátima. Já o aspecto de pressão psicológica que pode chegar a impossibilitar a narração existe no âmbito das memórias individuais de testemunhas oculares que, como podemos observar em alguns depoimentos apresentados no documentário aqui analisado, afirmaram não gostar de lembrar do que presenciaram e falaram com dificuldade sobre o que viveram naquele dia a partir de uma motivação social, que foi a busca pelas memórias para a produção do documentário. No tocante à relação das memórias traumáticas com identidades coletivas, Dora Schwarzstein (2001) corrobora a condição de existir um contexto social para que elas sejam evocadas:

Si una comunidad reconoce que ha vivido hechos traumáticos y los utiliza en la trama de su identidad, la memoria colectiva perdura y la memoria individual puede encontrar

un lugar, aunque transformada, dentro del paisaje. (...) Este parece ser un punto nodal: la existencia de un contexto social para poder transmitir la memoria (SCHWARZSTEIN, 2001, p. 80-81).

Desse modo, vemos que a criação de locais de memória para o acontecimento aqui abordado guarda uma relação cultural com a prática de culto aos mortos no âmbito do catolicismo, reforçando uma identidade local associada à essa religião, ainda que esses locais também reforcem, para as testemunhas do fato, uma memória traumática com a qual é difícil conviver. E, se houve notória mobilização para a elaboração dessa memória logo após o acidente e ela continua sendo evocada como parte da memória local até o momento em que escrevemos este artigo, é devido ao elemento de coesão identitária que está relacionado a ela.

## Considerações finais

O acidente de 13 de maio de 1974 em Currais Novos foi inserido na memória local como fato constantemente lembrado a partir da criação de locais de memória e menção em obras históricas, literárias e audiovisuais. A elaboração da memória desse acontecimento deu-se reforçando uma identidade local associada às tradições cristãs-católicas.

De acordo com o que argumentamos neste artigo, ao perscrutarmos como esse acidente passou a ser parte da memória currais-novense, percebemos que os acontecimentos traumáticos podem ser lembrados de maneira a reforçar identidades locais. Para isso, as esferas social e cultural são articuladas, como mostra o exemplo aqui abordado, no qual identificamos a mobilização de diferentes agentes interessados em corroborar a prática cultural de memorização dos mortos no âmbito da religião católica, associando-a ao fato aqui discutido.

Ressaltamos, por fim, que cada acontecimento tem suas especificidades, que podem revelar outros usos e abusos da memória. Por isso, a relação de diferentes grupos com acontecimentos traumáticos é um campo de pesquisa importante para entendermos como as pessoas lidam com a memória de fatos que as impactam coletivamente.

## Referências

ALVES, Celestino. **Retoques da História de Currais Novos**. Natal: Fundação José Augusto; Prefeitura Municipal de Currais Novos, 1985.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.



ASSMANN, Aleida. 'Lembrar para não repetir'. **Jornal da Unicamp**. Campinas, p. 6-7. jun. 2013. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju\\_564\\_pagina\\_06e07web.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_564_pagina_06e07web.pdf). Acesso em: 23 dez. 2023.

AZEVEDO, Dermi. Alegrias e tristeza do poeta-sapateiro. **O Poti**. Natal, p. 5. 2 mar. 1975.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

DIÁRIO DE NATAL. Currais Novos vai lembrar as vítimas. **Diário de Natal**. Natal, p. 5. 1 abr. 1975a.

DIÁRIO DE NATAL. Tragédia de Currais Novos é relembrada. **Diário de Natal**. Natal, p. 6. 7 maio. 1975b.

DIÁRIO DE NATAL. Missa em C. Novos relembra tragédia. **Diário de Natal**. Natal, p. 6. 14 maio. 1975c.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1968.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo: A história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel *et al* (Org.). **Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 21-33.

O POTI. Missa de trigésimo dia. **O Poti**. Natal, p. 14. 2 jun. 1974.

O POTI. Cordel. **O Poti**. Natal, p. 10. 6 set. 1976.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, jan./jun. 1989. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 14 out. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, jul./dez. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acesso em: 14 out. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória coletiva, trauma e cultura: um debate. **Revista Usp**, São Paulo, v. 1, n. 98, p. 51-68, jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69270>. Acesso em: 1 set. 2023.



SOUZA, Joabel Rodrigues de. **Totoró, berço de Currais Novos**. Natal: Editora da UFRN, 2008.

SIDYS TV Internet. 13 de maio: Tragédia que vitimou 24 pessoas em Currais Novos completa 48 anos. Currais Novos: Sidys TV Internet, 2022. (11 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SLI5s-20io4>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SYLLA, Bernhard. Trauma coletivo: notas sobre um conceito disperso. *In*: MACEDO, Ana Gabriela; SOUSA, Carlos Mendes de; MOURA, Vítor Moura (Orgs.). **Conflito e Trauma**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016. p. 461-476.

SCHWARZSTEIN, Dora. Historia Oral, memoria e historias traumáticas. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 73-83, jun. 2001. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/36>. Acesso em: 14 jul. 2023.

VIANA, Helder. A problemática da “Memória Local”: Reflexões sobre o caso Norte-riograndense. *In*: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (Org.). Reflexões Sobre História Local e Produção de Material Didático. Natal: EDUFRN, 2017. p. 107-135. Disponível em: Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23433>. Acesso em: 18 mar. 2019.